

## RESENHA

HADDAD, Philippe. **Como Jesus lia a Torá: sair do mal-entendido entre Jesus e os fariseus**. São Paulo, CCDEJ-Fons Sapientiae, 2022.

**Victor Antonio Valdo**. Professor Especialista em História e Teologia Judaica; e Ensino Religioso. Integrante atualmente do Grupo de Pesquisas Ecos da Torá, do Centro Cristão de Estudos Judaicos – CCDEJ - São Paulo.

E-mail: victor55valdo@gmail.com

### Sobre o autor

Haddad ocupa, atualmente, o cargo de rabino da Sinagoga Liberal de Copernic em Paris. Formou-se pelo Jewish Seminary of France [Seminário Judeu da França] e trabalhou como rabino em Marselha, Nînes e les Ulis (Essonne). Desde 1992, é Rabino do Consistório de Paris e dos Escoteiros Israelitas da França. Em 2020, recebeu o prêmio da Amitié judéo-chrétienne de France [Amizade Judeu-Cristã da França], por sua obra e ação em favor da amizade entre judeus e cristãos. Ele é autor de diversos livros e outras obras, das quais: *Jesus fala com Israel: Uma leitura judaica das parábolas de Jesus* (2015); *Pai-nosso: Avinu Shebashamayim – uma leitura judaica da oração de Jesus* (2017); *Fraternidade ou a revolução do perdão* (2021). Esses títulos já foram publicados na coleção Judaísmo e Cristianismo, do Centro Cristão de Estudos Judaicos. É também autor do livro “Ces Hommes qui Parlaient, réflexion sur le prophétisme” (1997) (tradução ainda não autorizada para o português) e da peça teatral “Yona, le prophete malgré lui”. Por suas obras e peculiar forma de trabalhar estes temas, Haddad alcançou grande aceitação e estima por aqueles que desejam estudar, com mais riqueza e profundidade, o Tanakh, e, com isto alcançar outra visão sobre os Evangelhos.

### Resumo da Obra

Jesus e os fariseus! Inimigos irmãos! Informa-nos a introdução desta obra. Formada por três capítulos e conclusão, o autor apresenta vários aspectos, semelhanças e alguns antagonismos, referentes aos ensinamentos dos fariseus e aqueles que Jesus legou a seus discípulos. O propósito da obra é o de desconstruir o estereótipo negativo, alimentado, sobretudo, pelo catolicismo, contra os fariseus, tal como estes são apresentados com ‘aparente negatividade’ nos textos do Novo Testamento.

O primeiro capítulo apresenta, de forma breve, uma “abordagem histórica”, compreendendo um lapso de tempo bastante longo, desde o 586 AEC até cerca dos anos 70 de nossa era. Haddad descreve algumas passagens históricas, relembrando o período do Segundo Templo, que se iniciou logo após o regresso do cativo da Babilônia. Relata, também, aspectos da helenização, com o surgimento de seitas, como correntes de pensamento, deste período, dentre elas os fariseus, até o tempo da chegada de Roma e seu domínio sobre Jerusalém e Israel.

Este capítulo traz considerações sobre as mudanças na estrutura social, política, cultural e cultural do povo judeu, todas influenciando as formas de ler e interpretar a Torá. Lembra-nos que o movimento de Jesus e de seus seguidores surgiu e formou-se no final deste período histórico, como mais um movimento ou seita nos padrões do Segundo Templo. Haddad considera, ainda, que existe uma só Torá, mas postula que a origem de Israel e suas Doze Tribos dá abertura a doze diferentes maneiras de ler, interpretar e de relacionar-se com **YHWH**. Ainda aqui se pode notar que a história de Israel está permeada da religiosidade desse povo profundamente marcado pela sua história e suas relações identitárias com seus vizinhos.

No segundo capítulo Fariseu, quem és tu? apreende-se quem é o fariseu ou pelo menos podemos criar uma imagem dele, sem ter uma conotação positiva ou negativa; continua a saga histórica e religiosa do fariseu, quase desaparecido do vocabulário francófono e das sinagogas, mas ainda utilizada por estudantes do judaísmo e do cristianismo antigos. Frequente nos Evangelhos, são os fariseus censurados por João Batista e por Jesus ou pelos redatores de seus evangelhos, em vários momentos e situações, sendo, às vezes, em contraposição com os saduceus. Em outro momento da história, no período da patrística, o texto nos apresenta o fariseu como uma sombra, judeu errante e amaldiçoado como Cain.

Em termos etimológicos, o fariseu – parush – um separado estaria em sintonia com a porção semanal da Torá, que é separada – parashá – para ser lida e meditada nos dias de ofício ou de Shabat? Questão que encoraja a ler atentamente a obra!

Também neste segundo capítulo, a reflexão apresenta questões históricas e religiosas, ou seriam teológicas? O debate é excelente e bem argumentado. Seguem-se as apresentações de situações e cenários em que a história, ora está influenciada pela religiosidade/teologia, ora pela própria história. Não está negada a premissa de que “cada um pode tirar das fontes bíblicas sua própria água” diz Haddad, ao se referir a Hillel e Shammai.

No terceiro capítulo Os fariseus no Evangelho, Haddad questiona: que relação mantém Jesus com a Tradição de Israel e com seu povo? O autor apresenta uma longa discussão sobre esta premissa que está colocada neste mais longo capítulo da obra. O texto esclarece que a Tradição de Israel se exprime no seu povo e constitui a Torá escrita e a Torá oral. Também se encontra ali definido que, em certo sentido, os fariseus são desenvolvedores e guardiões desta Tradição.

De cunho fundamentalmente religioso e teológico, este terceiro capítulo busca expor o confronto existente entre os ensinamentos e as interpretações dos fariseus, com os ensinamentos e as interpretações de Jesus. Há discrepâncias de interpretações entre a Torá escrita e a Torá oral, que se pode explicar pelo conjunto de sucessivas interpretações propostas pelas escolas dos mestres, nunca unânimes. Certa escola tem regra mais permissiva, outra tem regra mais restritiva, uma terceira tem regra intermediária. O Talmud Babilônico, por exemplo, nunca apresenta uma única opinião acerca de um tema, ao contrário, relata discussões. Na época de Jesus e mesmo depois do fim do Segundo Templo, as diferentes formas de interpretar a Torá eram sempre lícitas e válidas.

Este capítulo é marcado por subtítulos, que trazem, por exemplo, a aparente desavença entre João Batista e os fariseus em que João os define como “raça de víboras”. Traz um questionamento sobre a abolição do Shabat, no conhecido episódio das espigas de trigo e detalha a discussão sobre a realização de trabalhos em dia de Shabat. Ligado à temática do shabbat, trata-se também da tensão existente entre Jesus e os fariseus na discussão do que é puro ou impuro; no entanto, Haddad afirma que não há condenação, mas desejo de aprendizado.

Haddad nos ajuda também a percorrer questões sobre os milagres de Jesus e suas implicações com as escolas racionalistas (Maimônides ou

Gersônides) ou com as escolas de pensamento místico (Nahmânides ou Maharal de Praga).

Outras questões como o divórcio e o feminicídio são discutidas por Haddad. Em sua época, Jesus partilhava a opinião de Shammai sobre a indissolubilidade do matrimônio, mas Haddad atualiza e discute sua validade frente à atual e crescente violência doméstica. Questões cívicas, como o pagamento de impostos, são apresentadas como tensão entre Jesus e os fariseus, em relação às autoridades do mundo e a autoridade de Deus. Afinal, a quem serve o judeu-cristão? Ao Senhor da Vida e Criador ou ao deus- Cesar?

Segue-se, então, uma argumentação que tem como pano de fundo o capítulo 23 do Evangelho de Mateus – o ápice da obra de Haddad – em que se penetra em um desconcertante panorama de insultos, de ultrajes que dificultam notadamente o diálogo entre judeus e cristãos; os “ais” de Jesus contra os fariseus.

Ao registrar seus evangelhos, teriam os evangelistas manchado a imagem do próprio Jesus, por excesso de fidelidade, ao destacar o lado menos apreciável dos ‘fariseus legalistas’? Porque Jesus, ao proferir seus 7 (sete) “ais”, teria atacado tão veementemente os fariseus com quem partilhava a mesma fé?

Haddad nos propõe várias possíveis respostas, ao mesmo tempo em que apresenta e explica inúmeros textos do Tanakh, da Tradição, do Talmud e do próprio Evangelho, sempre como ensinamentos. Longamente relatados, argumentados, comparados, os “ais” de Jesus levam a três questões apresentadas por Haddad ao final do seu capítulo, visando a esclarecer que Mateus, o evangelista, responderia como “reconhecer a messianidade de Jesus”.

### **Conclusão**

Ao final da obra, Haddad identifica-a como um “estudo não exaustivo”, explicando que foram apresentados muitos pontos de convergência entre os ensinamentos de Jesus e dos Rabinos. Esclarece, também, que as tradições orais, algumas anteriores a Jesus e que já circulavam, foram escritas para ser salvas do esquecimento, após a destruição da Judeia.

Haddad contrapõe o “Judaísmo de Jesus”, como “portador de uma só voz e de uma só via”, à visão dos rabinos, que “cultivavam, desde cedo, a arte do debate” [*makhloket*]. Para ambos parece haver uma *conditio sine qua non*: que o debate seja engajado em nome dos céus (*leshem shamaim*) ou por causa de Deus.

Ao final da obra, Haddad propõe argumentar sobre a “halakhá de Jesus”, surpreendente a judeus e a cristãos. Argumenta que Jesus jamais rompeu com a Torá, vejamos os mais importantes aspectos desta afirmação:

- foi circuncidado;
- usava o tsit-tsit, as franjas do ritual;
- reconhecidamente um Justo;
- praticava o Shabbat;
- respeitava as regras de pureza;
- ensinava o respeito pelo pai e pela mãe;
- Jesus ensinava que os laços do casamento são um compromisso perante Deus.

A esta Torá de Jesus se acrescente os princípios morais do Sermão do Monte. O argumento final é de que “Jesus pode ser recebido como ‘pontífice’, uma ponte não só entre o céu e a terra, mas também e especialmente entre o povo de Israel [aqui incluídos os fariseus] e as nações”.

“Jesus, seguindo a Torá, nos dá a chave: o amor ao próximo!”. Permanece a questão proposta por Haddad: “Estamos prontos para viver a nossa relação com o todo? Com o outro neste nível de amor exigente?”

### **Sobre a Resenha**

Philippe Haddad se mostra profundo conhecedor das Tradições de Israel; sua argumentação às convergências desta Tradição com as do Cristianismo é feita com seriedade e com equilíbrio, não ressaltando uma em relação à outra, tampouco menosprezando uma em detrimento da outra.

Ler esta obra exige foco e atenção, pois o autor Haddad, faz em vários pontos de sua dissertação, retornos às ideias anteriormente apresentadas, usando este “ir e vir” para avançar em novo argumento, em nova ideia ou texto

que será usado como base de um ou de outro argumento. Creio que seja legítimo afirmar a necessidade de um pré-conhecimento da Tradição do povo de Israel, onde Jesus, mestre e Messias, nasceu, viveu e morreu.

Ao final desta resenha pode-se afirmar que a obra não pretende e não esgota o assunto; deixa sim aberto um caminho para a busca do entendimento entre judeus e cristãos, sem renunciar às Tradições intrínsecas a cada um.